



NOTA DE PESQUISA

A CONSCIÊNCIA NA OBRA DE JEAN-PAUL SARTRE E AS
IMPLICAÇÕES PARA A GEOGRAFIA HUMANISTA: caminhos para
pensar a relação homem e natureza.

*THE CONSCIOUSNESS IN THE WORK OF JEAN PAUL SARTRE AND
THE IMPLICATIONS FOR HUMANISTIC GEOGRAPHY: ways of
thinking the man-nature relationship*

Sandro de Oliveira Safadi

Doutorando em Geografia pelo Instituto de Estudos Sócioambientais/UFG
Câmpus Samambaia (Câmpus II) – Goiânia-GO, CEP:74001-970
E-mail: sosafadi@uol.com.br

Eguimar Felício Chaveiro

Prof. Dr. Orientador - IESA/UFG
eguimar@hotmail.com

Resumo

A busca para se organizar uma Geografia unitária é marcante na atualidade. Em sentido contrário, temos diversas tendências que advogam em favor de uma condição científica para pensarmos geograficamente aceitando a dualidade. Como uma constante, percebemos que a Geografia em sua perda paulatina de unidade se contorce em meio à tamanha necessidade de discutir suas distâncias e suas relações. A relação homem-natureza, como uma distância fundamental da Geografia é o elemento central desta nossa inquietação. A proposta é encontrar no pensamento de Jean-Paul Sartre os caminhos para resolvermos parte desta angústia partilhada por todos os geógrafos, propondo um caminho alternativo as propostas integradoras tão em voga na Geografia contemporânea.

Palavras-chave: relação homem e natureza, consciência e mundo.

Abstract

The enterprise of organizing a unitary Geography is expressive today. In opposite direction, there are many tendencies that advocate in favor of a scientific condition that would enable us to think geographically accepting the duality. As a constant, we perceive that Geography, in its gradual loss of unity, distorts itself amid such need of



discussing its distances and relations. The man-nature relation as a fundamental distance in Geography is the central element of our restlessness. The attempt is to find in the Jean-Paul Sartre's thoughts, the paths to deal with part of the anguish shared between all geographers, offering an alternative way to the fashionable integrative proposals of contemporary Geography.

Keywords: man and nature relation, consciousness and world.

Primeiras palavras

A modernidade moldou sua autenticidade nos parques frios de Londres, nas ruas coloridas de Las Vegas e na paisagem quase monocromática de Paris. Não menos autêntica, ela aparece nas empoeiradas periferias da Dar Es Salan, nas encruzilhadas dos morros da cidade do Rio de Janeiro e atrás dos escombros de Bagdad. Ela fincou suas raízes nos corredores alvos dos centros médicos, nas prateleiras repletas de histórias de uma biblioteca qualquer, nas texturas e nos sabores dos alimentos que são servidos à mesa posta e, de modo radical, ela aparece nos alimentos descartados e que são encontrados para saciar a fome.

Se desdobrando entre estas tensões que são fundantes e mesmo originárias, a modernidade se impôs por mais de três séculos. Entre o belo e o feio, uma intrincada cadeia de aproximações, conexões e rachaduras, sustentam muitos discursos e se materializam como realidades modernas. A dualidade, as dicotomias e as divisões, a fragmentação e a separação constituem o modo mais marcante do pensar e do fazer moderno.

Esta modernidade que se consolidou com a glória e com a dor, reflexos da ciência racional e que se mostra total na capacidade de conhecer e ao mesmo tempo deixa ao longo do caminho esfarrapados homens frentes aos mistérios, encontra na contemporaneidade fluxos relevantes de contestação. Num chamado mundo pós-moderno, deteriorar o papel da razão é essencial para consolidar o que se pretende novo. Aproximar a discussão do indivíduo, enaltecer a subjetividade relegada ao segundo plano, após Descartes e seu "Discurso do Método", é, juntamente com a afirmação da existência de limites para a razão e da necessidade de integração dos saberes, o conjunto das críticas acerca da era moderna.



O pano de fundo deste projeto é uma discussão sobre a modernidade, através do campo do saber reconhecido como geográfico. A Geografia que se sistematizou em fins do século XIX, construiu um arcabouço teórico e metodológico que a credenciou a ser considerada como um das mais genuínas ciências modernas. Com a eclosão do movimento de renovação na geografia em meados da década de 1960, tivemos um processo intenso de contestação da raiz positivista desta ciência. De forma mais abrangente a partir da aproximação com o marxismo, pela Geografia Crítica e em menor escala com o que se convencionou chamar de Geografia Humanista, com especulações e considerações a respeito do mundo vivido, baseadas principalmente na fenomenologia.

Surgiram também na esteira da descrença em relação ao positivismo, tendências tidas como pós-modernas, assentadas nas inquietações trazidas da física quântica, que não só na geografia vem contribuindo para que se entenda que “[...] a distinção sujeito/objeto é muito mais complexa do que pode parecer à primeira vista. A distinção perde os seus contornos dicotômicos e assume a forma de um *continuum*” (SANTOS, 1987, p. 26).

Pensar a multiplicidade do mundo em sua cotidianidade foi posto como uma espécie de obstáculo epistemológico para as ciências sociais consolidadas na modernidade, voltadas para conhecimentos universais. Na contemporaneidade as defesas do aleatório, do fortuito e do efêmero, a partir dos conhecimentos advindos novamente das ciências naturais, surgem tanto nas abordagens humanistas quanto nas questões levantadas por autores pós-modernos.

É por esta trilha que esta pesquisa pretende caminhar, construindo reflexões sobre o propósito humanista em Geografia. Só é possível pensar a partir dos humanos. Dizendo de outra forma, após o fluxo da modernidade, o homem é o ente que domina a possibilidade de conhecer, é no homem que se deposita todas as esperanças do saber.

Antes que o desconforto com o texto se instaure, quando nos referimos ao homem, trata-se da espécie humana; questões de gênero serão desconsideradas aqui por não se pretender realizar uma discussão de cunho sociológico ou antropológico. Epistemologicamente trata-se de homem como o ser que se desdobrou biologicamente dos primatas, mas acima de tudo do homem que aponta para o mundo das idéias, é em suma uma análise necessariamente universal.

Outra ressalva importante é o fato de entendermos que a idéia de homem moderno e de ciência moderna como centro do mundo e como única fonte de verdade e de possibilidade de saber, é um fundamental ponto deste diálogo, mas que neste momento faz parte de outra discussão. Certamente é um posicionamento cartesiano. Afirmamos sem culpa.

A contribuição cartesiana no que tange a verdade é desconfortante e arrasadora para uma contemporaneidade encorajada em afirmar a integração de fatores e dimensões radicalmente separadas pela modernidade. Uma espécie de quebra-cabeça criado no universo do pensamento cartesiano é lentamente transformado em um grande quadro unitário, uma única peça. Para a Geografia, ciência moderna por excelência, este quadro unitário é uma espécie de libertação dos fragmentos. Homem e natureza, conceitos e realidades concretas separados em Descartes e despregadas radicalmente nas geografias física e humana, são fundidos neste quebra-cabeça de única peça.

Problematização

Diante destas inquietações do nosso tempo, pretendemos estabelecer uma relação entre a epistemologia da geografia contemporânea e o pensamento de Jean-Paul Sartre, entendidos como expressões evidentes da modernidade. Traçaremos reflexões sobre as bases filosóficas do pensamento sartreano, tratando de forma mais intensa da discussão que este autor realiza acerca da relação consciência e mundo, originariamente apresentada pela fenomenologia de Edmund Husserl.

Nossa proposta, portanto, se debruça no que entendemos ser uma questão central da produção do pensamento geográfico: a relação homem e natureza. Identificamos a possibilidade de aproximação entre a idéia de consciência que Sartre desenvolve e no mesmo movimento teórico percebemos também a possibilidade de pensar o conceito de natureza como o mundo que se relaciona com a dada consciência em Sartre.

A fenomenologia, como uma corrente filosófica com presença já marcante na discussão epistemológica da geografia é o fio condutor do método do nosso trabalho. Ao tratarmos do pensamento sartreano em suas bases conceituais, identificamos uma sólida reflexão baseada em seu existencialismo que é fenomenológico, para a afirmação da corrente teórica denominada geografia humanista.



Ancorados nesta empreitada epistemológica, temos, portanto, como intuito maior neste trabalho averiguar as bases teóricas da geografia humanista. Nosso questionamento se refere às certas interpretações geográficas que advogam uma fundamentação na fenomenologia e no existencialismo ao trabalharem com as idéias de cotidiano, percepção, sujeito e alguns traços de subjetividade.

A noção de mundo vivido, para citarmos apenas um exemplo de um conceito caro a geografia humanista, merece uma verticalização dos estudos, com a finalidade de esmiuçar o interior fenomenológico e existencialista presentes nesta concepção. Nossa hipótese se refere à carga semântica de argumentações desta corrente geográfica tornando-se possível questionar se não haveria um certo psicologismo nas concepções da chamada geografia humanista. Fato este que inviabilizaria a base fenomenológica desta corrente.

O primeiro movimento metodológico

Sabemos que a filosofia cartesiana, da qual percebe-se a raiz nas filosofias husserliana e sartreana, encontra-se em franco processo de contestação. Muitos autores das mais diversas tendências filosóficas (SANTOS, 1987 e 2000; CAPRA, 2000 e 2002; MORIN, 2002; PRIGOGINE & STENGERS, 1991) apontam suas críticas ao caráter excessivamente racional e fragmentador da filosofia cartesiana. Sabemos também que a fenomenologia de Husserl e o existencialismo de Sartre não assumiram o discurso estritamente cartesiano, mesmo que não negando a raiz advinda de Descartes. Sendo assim, não é definitivamente um substituto da visão cartesiana como tendência principal do discurso da modernidade.

O que chamamos de primeiro movimento se refere a uma dinâmica epistemológica iniciada com Descartes, negando o empírico como fonte de verdade promovendo a passagem “(...) do objetivismo ingênuo ao subjetivismo transcendental” (HUSSERL, 2001, p.22). Ressaltamos também a negação da coisificação da consciência no próprio Husserl e posteriormente a libertação do “eu” a partir da noção de intencionalidade da fenomenologia de Husserl que para Sartre é pura escolha da consciência e que “Pela intencionalidade, ela transcende-se a si mesma, ela unifica-se escapando-se” (SARTRE, 1994, p.47).

O que estamos sugerindo é que podemos estabelecer uma relação entre os mecanismos epistemológicos utilizados pelos autores acima, principalmente pelo pensamento de Jean-Paul Sartre, e as discussões que por ventura, outros autores realizaram acerca das concepções da relação homem-natureza, que de forma importante contribuíram para o surgimento e a sistematização de uma chamada Geografia Humanista.

O segundo movimento metodológico

A razão cartesiana assumiu o centro do discurso filosófico da modernidade. A afirmação da possibilidade de conhecer é um dos méritos mais evidentes de Descartes. Esta possibilidade aparece como outra fonte de verdade, ela desconforta e agride, mas avança. Quando em Kant os limites desta razão são questionados, percebe-se que esta razão já havia se tornada vitoriosa. O desmanchar do arcabouço cristão de verdades cede lugar paulatinamente às inquestionáveis de provas racionais.

Kant escreve sua “Crítica a razão pura” em 1781, portanto quase um século e meio após o discurso do método de Descartes. Com esta obra, ao impor um limite para a razão, consolida o poder da própria razão. Os juízos kantianos não invalidam a ação racional dos homens, ele abala a estrutura formal do conhecer humano, construindo outros pilares, como a noção de que alguns resquícios do mundo das sensações permanecem, mesmo que ordenada *a posteriori*, por um mecanismo *a priori* que se encontra “no espírito” (KANT, S/data, p.51). Ao afirmar a necessidade de retirarmos o “eu tenho consciência [...]” Sartre estabelece uma relação de espontaneidade da consciência, pois não há um agente que valide o ato de ter consciência. Aqui a consciência é a própria validação. Nesta perspectiva nota-se uma refutação da presença do eu que permanece como unificador na consciência e há também a negação da noção de *a priori* de Kant e da noção de sujeito cartesiana.

Em “O ser e o nada”, Sartre retorna a esta negação da presença de algo anterior a consciência. Negando uma possível consciência de si ele ressalta que a “[...] consciência (de) si não deve ser considerada uma nova consciência, mas o único modo de existência possível para uma consciência de alguma coisa.” (SARTRE, 1997, p.25). Vale aqui lembrar que o autor coloca o “de” entre parênteses para indicar que é apenas

uma imposição gramatical, para ele a consciência é constitutiva “[...] do modo mesmo de sua existência” (SARTRE, 1997, p.26).

E o que podemos refletir para nossa pesquisa, a partir deste posicionamento de Sartre? A resposta pode ser dada de forma direta, Sartre deixa de resto apenas à *relação* consciência-consciência e consciência-mundo, desaparecem os pólos, permanece a intencionalidade.

Correndo o risco de discutir coisas da externalidade material do mundo dos sentidos, a partir de uma visão construída em uma internalidade epistemológica, podemos pensar num movimento que, de forma paralela, convergiria para o mesmo ponto. Se a relação homem-natureza foi pensada a partir de Descartes como tendo dois pólos, sendo um (o homem) o senhor e possuidor do outro (a natureza), o que Sartre realizou em relação à dualidade consciência-mundo cartesiana, traz à luz uma outra abordagem sobre os pólos das relações, sejam elas materiais ou ideais. Coube a este autor, sem colocá-lo logicamente como o único a realizar tais reflexões, o papel de efetuar uma radicalização na visão husserliana sobre a relação por ela mesma. Como inquietação, vale considerar esta dissolução dos pólos das relações, como contribuição para a discussão sobre a relação homem-natureza.

O ponto em que estamos

A partir da noção cartesiana de mundo, podemos assumir que somos enganados quando incitamos nossos sentidos a dizer a verdade. Sentidos, aqui compreendidos naquilo que se encerram no indivíduo; no corpo físico dos humanos; mas não no humano por inteiro.

Para Husserl, cabe àquele que pretende conhecer, realizar a chamada redução eidética para “ver” o objeto em sua permanência, é esta redução “[...] *que conduce del fenómeno psicológico a la pura esencia...*”(HUSSEL, 1949, p. 10) e para chegarmos a *pura essência*, é preciso caminhar rumo ao campo do universal e necessário. A constatação da impossibilidade de conhecer o mundo em sua complexidade múltipla é a constatação do equívoco de pensar o mundo por ele mesmo, naquilo que os sentidos escolhem como verdadeira representação do mundo.



O mundo empírico para Husserl não é manifestação da realidade, e buscar explicações apenas nele mesmo, como fazem pensadores de vertente empirista é, conceder a este mundo, uma qualidade que ele não possui. A redução proposta por Husserl é então, um instrumento metódico necessário para se lançar a um objeto, ao mundo.

Neste sentido, nos parece que o campo de estudos da subjetividade que é imenso, permeando diversas ciências humanas, é introduzido na geografia pela via de certo modelo de psicologismo, que não garante o olhar geográfico e também não contempla o indivíduo em sua carga psicológica inteira. Numa forma inacabada de sujeito, como se fossem cacos de subjetividade, em alguns momentos entrelaçado por incursões poéticas desconexas e em outros casos através de discussões pormenorizadas, busca-se abarcar o efêmero tão em voga. Neste momento o alerta de Husserl nos parece vital para que a geografia não se contente com um olhar meramente psicológico.

O cotidiano é desta forma levado a frente e preenchido de significados advindos dos sujeitos em sua dimensão sensorial primeira, aquela que é realizada pelos indivíduos datados e finitos. Distante de uma noção de ciência, que tem na universalidade uma necessidade para instituir qualquer saber.

Nossa pesquisa encontra-se neste momento com esta questão central que engloba o universal e o particular pela via da subjetividade e o natural e o humano pela compreensão da noção de consciência no pensamento sartreano. Uma geografia humanista vem sendo construída nos últimos anos e imaginamos que o caminho proposta por Sartre é uma possibilidade relevante para afirmarmos nossas convicções, ampliar nossos pontos de vista e fortalecer o pensar geográfico.

Referências

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 2000.

_____. **O ponto de Mutação**. São Paulo: Cultrix, 2002.



DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores).

HUSSERL, Edmund. **Ideas relativas a una fenomenología pura y una filosofía fenomenológica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1949. p. 10.

_____. **Meditações Cartesianas: introdução à fenomenologia**. Trad. Frank Oliveira. São Paulo: Madras, 2001.

KANT, Emmanuel. **Crítica da razão pura**. Editora tecnoprint. [s/d]

MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

PRIGOGINE, Ilya. STENGERS Isabelle. **A nova aliança: metamorfose da ciência**. Brasília: Ed. UnB, 1991.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. Porto, Portugal: Afrontamento, 1987.

_____. **A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. **A transcendência do ego, esboço de uma descrição fenomenológica**. Trad. Pedro M. S. Alves. Lisboa: Colibri, 1994.

_____. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.

Recebido para publicação em novembro de 2009

Aprovado para publicação em dezembro de 2009